

DÁ-LHE CAMARÃO

O SEGREDO? A UNIÃO. SE POR UM LADO FALTA O APOIO POLÍTICO, DO OUTRO ELES SE UNEM PARA ALIMENTAR OS BRASILEIROS E MELHORAR AS PRÓPRIAS RENDAS

MARIANA CAVALCANTI, DA REDAÇÃO

mariana.cavalcanti@curuca.org

O provérbio “A união faz a força” também cairia muito bem no título desta reportagem. Tendo como conceito o poder que as pessoas alcançam quando trabalham em conjunto para alcançar um objetivo comum. E é exatamente com esse intuito que nasceu, em 1997, a Cooperativa dos Produtores de Camarão Marinho do Estado do Rio Grande do Norte, a Coopercam.

Sediada na capital do Estado, Natal (RN), a cooperativa reúne atualmente 138 cooperados, dando apoio sistemático em diversos assuntos, como técnicos, jurídicos e ambientais.

Mas nem sempre foi assim. De acordo com o presidente Pedro Fernandes Pereira, as atividades só começaram em 1998, quando foi possível capitalizar-se por meio de financiamentos aos associados concedidos pelo Banco do Nordeste do Brasil (Fortaleza/CE), destinados à estruturação dos viveiros e aquisição de moto-bombas, permitindo, desta forma, implementar algumas práticas de produção, até então distantes desse público.

“O início foi difícil, começamos com 21 associados e não tínhamos a cultura do cooperativismo, e tornou-se imperiosa a realização de cursos e palestras de formação de mentalidade cooperativista”, explica Pereira.

De acordo com ele, a Coopercam surgiu, apenas, em decorrência da necessidade que pequenos e micros produtores sentiram de baixar custos na aquisição dos insumos e equipamentos em conjunto. “Era vantajoso. Poderíamos obter vanta-



O MODELO COOPERATIVISTA É UMA DAS FORMAS DE INSERIR O PRODUTOR NO SISTEMA DE PRODUÇÃO, DANDO A ELE OPORTUNIDADE DE INTEGRAR A SOCIEDADE, SEM VERGONHA DA DEPENDÊNCIA DE PROGRAMAS DITOS SOCIAIS ”

PEDRO FERNANDES PEREIRA
PRESIDENTE DA COOPERCAM

gens comparativas com os grandes produtores. Por outro lado, estava clara a deficiência de adoção de tecnologias que só aconteceria com o treinamento daqueles que exploravam a carcinicultura de forma empírica e sem adoção de práticas de manejo e biossegurança”, comenta.

O presidente insere que o sucesso veio de forma parcial, pois uma cultura dessa natureza não é implementada rapidamente. “Sendo assim, a nossa missão foi promover os meios adequados aos associados, para que os mesmos possam desenvolver atividades obtendo resultados positivos, além de representá-los em questões mais amplas, tais como aspectos legais da exploração”.

NA PRÁTICA. Pereira explica que cada associado é proprietário da estrutura de produção, a cooperativa apenas efetiva as negociações para aquisição dos insumos, importa equipamentos, orienta e comercializa a produção. “A cooperativa não produz e, sim, apoia e controla as diversas etapas do processo produtivo”.

Segundo ele, o grande benefício do cooperado é dispor de preços de insumos e equipamentos mais competitivos, recebendo melhor preço pelo produto, além da constante atualização em cursos, palestras e feiras.

O beneficiamento fica a cargo dos parceiros compradores, sendo que alguns intermediários adquirem o produto *in natura* e o comercializam em praças, como Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Brasília (DF) e Salvador (BA).

Para o futuro, o presidente imagina uma entidade fortalecida no aspecto de orientação e formação de novos cooperados. “É nossa função desenvolver o cidadão, conscientizando-o da importância que ele desempenha no sistema; buscar formar, cada vez mais, um associado disposto a praticar ações compartilhadas, respeitando e protegendo o meio ambiente, aplicando tecnologias modernas que viabilizem alcançar novos patamares de produção e disponham sempre de informações atualizadas, no sentido de produzir de forma sustentável”, argumenta.

E, para ele, acima de tudo, o modelo cooperativista é uma das formas de inserir o produtor (micro e pequeno) no sistema de produção. “Dessa maneira, damos a ele e às suas famílias a oportunidade de integrarem à sociedade, sem vergonha da dependência de programas ditos sociais, que mantêm homem e mulheres, em condições de produzir, afastados do mercado formal de trabalho”, frisa. ■